

Resenhas de livros



Anne Dufourmantelle

Anne Dufourmantelle convida Jacques Derrida a falar da *Hospitalidade*

São Paulo: Escuta, 2003, 144p

De que hospitalidade podemos falar, em tempos onde o mal-estar da cultura aponta a ruptura de fronteiras? Quais os limites existentes entre o eu e o outro, nos tempos das redes comunicativas? Quais são as demandas dirigidas ao estranho que se apresenta em nossa casa? Estas são perguntas que a obra costura *pari passu*, formando um fio condutor que avança em um labirinto de posições.

Respeito e tolerância se casam em algum ponto com exclusão e fobia. Um ponto da palavra que, em sua literalidade, admite hospedar e hostilizar. É esse o desafio que a obra apresenta à compreensão do leitor. Uma análise que passa pelo paradoxo da diferença entre o estrangeiro (*Ksénos*) e o outro absoluto. Um que pode ser estranho, porém atende ao nome e, em conseqüência, é reconhecido por aquilo que porta. O outro, na sua radicalidade natural, só evoca a barbárie. Todo este jogo convoca o desejo parricida do visitante que ameaça a figura do hospedeiro, na medida em que este

oferece ao estranho uma família, como uma condição pactuada (*Ksenía*).

Curioso movimento que pode ser pensado entre o hospedeiro e o hóspede. O hospedeiro deixa-se utilizar em sua extensão do nome e do *éthos*. O hóspede só utiliza o nome para registro na memória do hospedeiro. É esse um dos paradoxos que nos convoca a pensar Jacques Derrida. Pode haver uma invasão bárbara sempre que alguém sem nome e sem família se hospeda na casa de um cidadão. Nesse ponto, é chamada a se fazer presente algo da hospitalidade que aparece em forma de hostilidade. Entretanto, pode haver uma vazão de sentidos que denota uma acolhida. É quando transitamos o umbral da hospitalidade, transformando-a em sua outra vertente ética em que Sócrates indica a tolerância e o respeito ao acento e ao idioma do estrangeiro.

O diálogo constante que Derrida trava com Platão, através da figura de Sócrates, traz à cena passagens importantes do *Estrangeiro*, em obras como **O Político** e na **Apologia de Sócrates**. Vai, a partir dessas articulações, encontrando os passos delineáveis da deflagração da hospitalidade. Um impasse destacável reside na questão da língua. Pedir abrigo, em uma língua estrangeira, já coloca o demandante em situação de desvantagem, como também o será no momento de acatar, respeitar, transgredir as leis e ser julgado na língua do outro. Abre-se ali uma fenda com relação à língua *mater*, onde talvez se guarda, a sete chaves, o maior pacto do sujeito com sua posição. É onde podemos resgatar o desejo parricida que envolve a radicalidade outra.

São destas coisas complexas que Derrida trata do ponto de vista da hospitalidade, onde vai pouco a pouco tecendo uma malha de sentidos frente à primeira parte do livro que se intitula **Questão do estrangeiro: vinda do estrangeiro**.

A resposta à pergunta apresentada no início de sua fala, quando indaga se “a questão do estrangeiro não seria uma questão de estrangeiro?” E se sua procedência não seria “vinda do estrangeiro”, aparece, após uma análise rigorosa entre as fronteiras do familiar e do não-familiar, do estrangeiro e do não estrangeiro, entre o cidadão e o não-cidadão, enfim, destacando principalmente uma inflexão sobre os limites do público e do privado e dos seus

respectivos direitos. Desta forma, após lançar-se sobre as porosidades da comunicação virtual e os engodos do Estado na invasão da vida privada, conclui a primeira parte dizendo que um estrangeiro não deveria ser visto apenas por sua posição de estar fora da sociedade, da família ou da cidade. A relação com o estrangeiro é mediada pelo direito. Neste sentido, seria salutar um retorno à Grécia, para a realização de um passeio com Sócrates e Édipo.

Mas a obra não estanca neste ponto. Na segunda parte, Derrida discorre sobre **Nada de hospitalidade, ou passo de hospitalidade**, na medida em que o original *Pás d'hospitalité* nos abriria estas duas perspectivas de leitura da proposta.

Há, nesta articulação, algo de muito importante para quem escuta o sofrimento psíquico nos consultórios de psicanálise. A estrutura viável é a da linguagem, essa indica uma posição. Entretanto, não podemos mais ficar atado à estrutura como marca de segurança ou controle de qualidade da escuta. O importante, agora voltando para a obra de Derrida, é que a língua resiste a todos os movimentos do homem em direção às novas tecnologias, porque ela já se desloca com o sujeito a cada movimento. E isso pode nos dar uma luz sobre a visão de posição do sintoma a que o sujeito se aferra na atualidade.

No **passo da hospitalidade**, Derrida nos mostra, pela via da hospitalidade incondicional e através dos direitos e deveres que a condicionam, que aí reside heterogeneidade e indissociabilidade. Acena-nos que a predominância da estrutura do direito à hospitalidade pode ser posta além da ética. Neste ponto, a partir de Kant, de Santo Agostinho e do Gênesis, deixa ao leitor uma questão final: “Somos nós herdeiros dessa tradição das leis da hospitalidade?” (Leis que sacrificam o próprio sentido de família em nome do estrangeiro) “Até que ponto? Onde situar a invariante, se é que existe uma, através dessa lógica e desses relatos?” Conclui: “Eles (estes relatos) testemunham ao infinito em nossa memória” (p.135).

Como um contraponto, Anne Dufourmantelle destaca ao leitor as meditações de Derrida, como ela mesma chama, logo no início do seu escrito. Destaca as meditações que envolvem a sepultura, o nome, a memória, a loucura da língua, chegando ao exílio e ao limiar.

São estas as tramas que a obra envolve. Nada mais atual quando o estrangeiro, tomado pelo radical grego, enfrenta algo da ordem da loucura, quando a *Ksénofobia* coloca aquele que chega no lugar de um bárbaro, podendo corromper o sustento, o trabalho, os direitos que circulam no espaço do familiar. Ao mesmo tempo, as leis destinadas ao controle do estrangeiro tentam muito mais domar o medo do outro radical, na medida em que o toma como um indigente.

Henrique Figueiredo Carneiro
Professor titular do Mestrado em Psicologia da UNIFOR
e-mail: henrique@unifor.br

Recebido em 15 de abril de 2003

Aceito em 29 de abril de 2003

Revisado em 22 de julho de 2003